



O USO DA RÁDIO-ESCOLA COMO FERRAMENTA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA¹

Alexandra Fante Nishiyama Frost²

RESUMO

Os avanços tecnológicos criaram um novo processo de comunicação que afetaram os processos sociais, os métodos de trabalho, criaram mudanças culturais e novos modos de aprender e perceber o mundo, o que repercutiu no campo da educação. Desta forma, a comunicação pediu licença para entrar na sala de aula e contribuir para a educação. Essa pesquisa é o resultado de um trabalho que visa identificar as percepções de alunos da Escola Estadual do Jardim Independência, localizado na periferia da cidade de Sarandi – Pr, após oficinas voltadas para a leitura crítica dos meios, comunicação comunitária, mídia-educação, cidadania e rádio. A prática proporcionou aos jovens a oportunidade de visualizar de uma forma mais crítica os meios de comunicação e suas mensagens e as oficinas contribuíram para a formação referente a percepção da realidade.

Palavras – chave: cidadania; mídia-educação; comunicação comunitária.

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa realizada pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) revelou que as crianças assistem diariamente, uma média de três horas de programação televisiva. Entre as principais preferências estão os programas sensacionalistas que mostram cenas fortes de violência (Apud VIVARTA, 2002 p.71).

Os meios de comunicação de massa, tão presentes no cotidiano da sociedade, influenciam na formação de valores e de atitudes, por meio da educação informal.

Neste contexto, a escola, como meio formal³ de educação, deve se preocupar e educar para

¹ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Pós-graduação Lato Sensu em Comunicação e Educação realizado em 2009, na Faculdade Cidade Verde pela autora.

² Jornalista formada pela Faculdade Maringá, especializanda em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde e mestranda em Comunicação Comunitária e Cidadania pela Universidade Metodista de São Paulo. Email: alexandrafante@yahoo.com.br.

³A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (Gohn,[s.d],http://www.cesgranrio.org.br/publicacoes/ensaio/ensaio_50.html)



as mídias com o objetivo de construir cidadãos mais críticos frente aos meios de comunicação de massa.

Perceber com todos os sentidos, por todos os caminhos e canais, em todas as dimensões. Ampliamos os níveis e a qualidade do aprendizado. Seleccionamos melhor o que nos ajuda e eliminamos o que prejudica. Relacionamos o novo com o já adquirido, estabelecemos novas conexões, novas deduções, novas conclusões (MORIN, 2000, p.125).

Os alunos da Escola Estadual do Jardim Independência foram escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa, por estarem inseridos em uma cidade caracterizada pela violência e pelo tráfico de drogas envolvendo jovens.

O estudo pode trazer subsídios para verificar se as oficinas de cidadania, mídia-educação, comunicação comunitária e rádio oferecidas aos alunos da Escola podem incentivá-los para o desenvolvimento do senso crítico, no envolvimento com assuntos da realidade em que estão inseridos, como mola propulsora para o interesse de pensamentos e ações baseados na cidadania.

Há dois séculos Kant afirmava em seus tratados de pedagogia que não se deve educar as crianças pensando no presente, e sim em uma situação melhor, possível no futuro. A profecia que se cumpre a si mesma deveria ser mencionada aqui, porque não há melhor maneira de materializar um ideal que educar para alcançá-lo, ajudando a convertê-lo em realidade (CORTINA, 2005, p.199).

O uso da comunicação no âmbito da educação torna-se uma ferramenta útil porque os meios de comunicação exercem um papel importante na vida dos adolescentes, tanto como forma de entretenimento, informação e até como conselheiro. O grande tempo de exposição, a falta de mediação de pais e professores, a ausência de compromisso com a qualidade da programação e o interesse direto numa sociedade de consumo explica este estudo visando o desenvolvimento de uma consciência cidadã dos alunos.

Justificamos este trabalho com o objetivo das oficinas contribuírem para a formação dos adolescentes, na construção da cidadania e de um olhar mais crítico frente à realidade em que estão inseridos e aos meios de comunicação.

Por exigência da instituição, os alunos deveriam ser escolhidos por professores e direção, tendo como critério o déficit de atenção, o mau desempenho escolar e o mau



comportamento. Outro requisito para o desenvolvimento do projeto, é que um professor acompanhasse todo o processo, desde as oficinas até a produção dos programas.

A primeira fase deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, em que se buscou o suporte teórico para embasamento da comunicação comunitária, da mídia-educação e da cidadania.

Na segunda fase foi realizada a Pesquisa Participante que durou o período de três meses, de março a maio de 2009.

A perspectiva da pesquisa participante divide-se em três vertentes: a observação participante, a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Na observação participante, o grupo pesquisado pode, ou não, saber que está sendo observado e o pesquisador não se insere no grupo, apenas observa. A pesquisa participante implica na participação do pesquisador *in loco*, em que o investigador deve estar inserido no ambiente e no grupo estudado e o grupo sabe que está sendo estudado. A pesquisa-ação diferencia-se das duas primeiras, pois o pesquisador e o grupo fazem juntos, o levantamento de hipóteses, dos objetivos, enfim, de todo o projeto para o estudo.

Em todas as vertentes, os resultados e os processos devem ser devolvidos ao grupo pesquisado com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições em que vivem.

O sentido deste tipo de pesquisa, construído informalmente, era não só denunciar, mas agir, extrapolar os muros da universidade e do debate puramente abstrato para o chão dos acontecimentos sociais que envolviam a criação de alternativas comunicacionais nas classes populares. Junta-se pois, a intenção, também presente em outras áreas do conhecimento, de não fazer pesquisa pela pesquisa, mas uma pesquisa que pudesse contribuir para o processo de mudança social (PERUZZO, 2005, p.131).

O desenvolvimento da pesquisa participante foi feito por meio das oficinas através da participação dos alunos com o despertar do senso crítico e da cidadania.

Numa primeira fase prática, a pesquisa concentrou-se em conhecer cada um dos integrantes, as suas características e cultura, apresentamos o projeto e convidamos os adolescentes a participarem das oficinas. Para conhecer o perfil dos alunos foi distribuído um questionário para verificar o nível de instrução dos pais, renda familiar e comportamentos frente aos meios de comunicação de massa, como o tempo de exposição diário, e qual o meio e os programas preferidos.



A pesquisa constatou que a maioria dos pais são analfabetos funcionais, não têm o hábito de leitura de jornais impressos ou livros. O meio de entretenimento é a televisão e não existe o hábito de discussão dos conteúdos apresentados na mídia, como por exemplo, as matérias jornalísticas. Também foi constatado que a renda média familiar é de R\$ 500,00 por mês.

Como meios de comunicação preferidos foram considerados o rádio e a Internet, mas os adolescentes afirmaram que ficam na frente da televisão uma média de três horas diárias.

Esta primeira fase serviu para direcionar as oficinas, de modo que se identificassem com a realidade do grupo, na valorização do adolescente como pessoa importante e indispensável no estudo e na aproximação entre pesquisador e pesquisados.

Esta pesquisa objetivou oferecer oficinas de comunicação comunitária, mídia-educação, cidadania e rádio como ferramenta complementar do ensino formal, na intenção de verificar se seus conteúdos poderiam despertá-los para a cidadania e permitir o conhecimento das formas de produção alternativas da comunicação, na qual eles pudessem expressar suas opiniões, reivindicações e conhecimentos.

MÍDIA-EDUCAÇÃO

Os avanços tecnológicos criaram um novo processo de comunicação que afetaram os processos sociais. Os métodos de trabalho instituíram mudanças culturais e novos modos de aprender e perceber o mundo, o que repercutiu no campo da educação, a ponto de exigir mudanças nos métodos de ensino.

Para que haja interação entre a comunicação e a educação é necessário o diálogo e a participação tanto do educador como do educando, num processo horizontal.

Nesse processo de interação entre a comunicação e a educação, os jovens participam da análise e da (re)construção da comunicação, se expressam, escolhem seus próprios temas e formas de abordagem e buscam melhorar ou mudar o ambiente em que vivem.

Ismar de Oliveira Soares define esse campo de interação, chamado por ele de Educomunicação como

Um conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais tais como escolas,



centros culturais, emissoras de tv e rádios educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros digitais, centros coordenadores de educação à distância, e outros) assim como melhora o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (apud ALVES, 2007, p.17).

Para Rivoltela (Apud FANTIN, 2006, p.51), esse campo de interação, chamado por ele de Mídia-educação é visto

Como prática social e disciplina curricular na formação de crianças, jovens e adultos trabalhando os conteúdos e as linguagens da alfabetização midiática. Capacitando os sujeitos a 'ler e escrever' criticamente com as mídias e discutindo temas como igualdade, direitos de acesso, participação e cidadania – temas do campo da mídia-educação.

Adotaremos nesta pesquisa o termo definido por Rivoltela, a mídia-educação.

Num mundo globalizado e transformado pelos novos modos de vida é necessário que a educação entre em sintonia com esse novo mundo. As mídias estão diretamente ligadas à nossa vida e têm um papel informante e não menos importante, por isso, também educam.

Estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos, e a escola precisa redimensionar tais potencialidades [ainda que o texto escrito tenha seu lugar assegurado por ser um referencial fundamental que possibilita voltar, pensar, refletir] (FANTIN, 2006, p.27)

A educação, que antes era função da família, da igreja e da escola, agora incorpora os meios de comunicação de massa.

A escola deixou de ser o lugar por excelência do aprendizado. Verificamos hoje que o ambiente emocional constitui um espectro difuso, desprovido de centro, um ambiente que assume a forma de um 'ecossistema comunicativo', dinâmico, indiferente aos ritmos institucionais e que faz circular uma grande multiplicidade de saberes e proporciona diferentes formas de aprender (ALVES, 2007, p.13)

Mas não é apenas equipar as instituições de ensino para considerar que a educação e a comunicação estarão interligadas.

A escola cometeria um grande erro se tentasse se adaptar a essa realidade partindo de uma visão mecanicista, tecnicista, limitando-se a aparelhar-se com as novas



tecnologias, mas mantendo intactas os velhos procedimentos de ensino baseados na idéia de transmissão do saber. Isso constituiria uma falsa resposta aos desafios colocados pelo ambiente cultural. Equipar-se com novos suportes técnicos não significa que a escola tenha compreendido o papel estratégico que tem a comunicação para a educação (ALVES, 2007, p.14).

O papel da escola é fazer a mediação. Mostrar ao aluno as mensagens subliminares, os símbolos e a indústria cultural que estão entranhadas nas mensagens, mas para isso o educador deve interagir.

“Educar para a mídia define bem uma nova necessidade e de ensinar os meios, fazer deles objeto de estudo e ao mesmo tempo instrumentos de comunicação e educação” (BELLONI, 2002, P.34).

A mídia-educação não serve apenas como um conhecer sobre os meios e suas mensagens, mas é o conhecimento da estética, do conteúdo implícito e dos aspectos operacionais que permitirão usar a mídia como processo de educação.

Nessa perspectiva, é necessário fundamental mesmo, desenvolver uma abordagem integradora centrada no aprendente, que promova a formação do usuário autônomo e competente: o ser humano capaz de expressar-se em todas as linguagens, o que demanda professores, educadores e comunicadores capacitados para levar a cabo tal tarefa (BELLONI, 2002, P.39).

Na interação da escola com a comunicação surge o educador ou mídia-educador, um profissional preparado para fazer o intercâmbio entre esses dois meios.

“O educador não é um professor especializado encarregado do curso de educação para as mídias, é um professor do século XXI, que integra as diferentes mídias em suas práticas pedagógicas” (JACQUINOT Apud BELLONI, 2002, P.30).

O mídia-educador, segundo FANTIN (2006, p.89) pode ter sua formação pensada a partir de diversos níveis, como

Cursos de capacitação para educadores tendo como objeto as mídias e as novas tecnologias; cursos de graduação e de pós-graduação nas áreas de comunicação e educação; acompanhamento de experiências de movimento e animação cultural e do tipo curricular sobre os aspectos da comunicação de massa, entre outras.

Porque o aluno aprenderá sobre os meios de comunicação se tiver a oportunidade de desvendar seu conteúdo.



É condição de educação de boa qualidade, voltada à formação plena do indivíduo, a integração das tecnologias nos processos educacionais, a partir de uma perspectiva integradora que considere a dupla dimensão dessa integração (objeto de estudo e ferramenta pedagógica) e as duas faces da comunicação: a ética e a estética (SUBTIL; BELLONI, 2002, P.65).

A escola pode trabalhar para ensinar com os meios e para os meios. Ela deve considerar os diferentes modos de aprendizagem dos cidadãos do século XXI e suas experiências que também são fontes de conhecimento e integrar tudo num processo de aprendizagem ativa, num movimento horizontal, onde o indivíduo seja o sujeito do seu próprio processo de saber.

A escola, como parte da sociedade, precisa estar preparada para acompanhar e participar das transformações em curso pela introdução dos recursos informáticos e comunicacionais cada vez mais numerosos e velozes que passam a integrar o dia-a-dia dos cidadãos (GOIDANICH, 2002, P.121).

A escola e seus professores devem estar em constante aperfeiçoamento do conhecimento e das técnicas e aceitar que o aluno traga para a instituição suas dúvidas, seu dia-a-dia, seus conhecimentos. E na construção desse saber, as mídias e a tecnologia que fazem parte da vida deles, devem estar inseridas, mas, com um olhar mais crítico.

Para muitos a escola não é a única porta de acesso ao conhecimento formalmente construídos pela humanidade e espaço para formação da sensibilidade (ética e estética) e da cidadania. Ela representa a possibilidade para o educando de apropriar-se do conhecimento elaborado e também de ter acesso aos novos recursos tecnológicos e comunicacionais que uma parcela de crianças já possui mesmo sem frequentá-la (GOIDANICH, 2002, P.121).

Essa interação entre a comunicação e a educação deve ter como objetivo a construção de uma consciência crítica. Como defende Paulo Freire (1981, p.42-43), as características dessa consciência englobam a aspiração de profundidade na análise de problemas, o sujeito reconhece que a realidade é mutável, as situações ou explicações ‘mágicas’ são substituídas por princípios autênticos, procura-se verificar ou testar as descobertas, livra-se de preconceitos, afastam-se as posições quietistas, aceita-se a delegação de responsabilidade e autoridade, o sujeito indaga, investiga, ama o diálogo e nutre-se dele e, frente ao novo, não descarta o velho, aceita-os na medida em que são válidos.



CIDADANIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa que envolve comunicação comunitária e mídia-educação é preciso entender o termo cidadania.

Segundo Maria da Glória Gohn, o termo cidadania diz respeito aos direitos e deveres dos indivíduos na sociedade. E sua construção aconteceu aos poucos.

Sua construção histórica data dos séculos XVII e XVIII, com o advento da modernidade, quando a sociedade ocidental muda alguns parâmetros de referência, elegendo os indivíduos, como valor supremo em contraposição aos grupos estratificados da sociedade de castas; a primazia da razão sobre as crenças e dogmas; o domínio da natureza pelo homem por meio do loto e do sistema representativo democrático, em contraposição ao direito divino dos reis (GOHN, 2003, p.196).

Liberdade e igualdade são os pilares da cidadania, assim como o alcance aos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Os primeiros relatos de luta pela cidadania no Brasil, ocorrem no período colonial, na busca pela independência política.

“Trata-se da construção da cidadania coletiva de um povo que, ao reivindicar e lutar por sua libertação política, construiu as bases para o surgimento de uma identidade nacional, ou seja, um território, uma língua, uma religião, sob a égide da soberania local” (GOHN, 2003, p.197).

Em 1891, mulheres, mendigos, soldados, religiosos e analfabetos não tinham direito ao voto. Esse grupo referia-se a maior parte da população brasileira. Esta realidade só mudou no início do século XX.

“Os novos direitos regulamentados passam a compor um novo cenário da cidadania brasileira. Trata-se da construção da figura do brasileiro enquanto trabalhador, com deveres e direitos legitimados” (GOHN, 2003, p.200).

A necessidade de conhecer o termo cidadania, não se particulariza somente no direito ao voto, mas na consciência de buscar valores por alguns esquecidos.

“São contingentes de pessoas que vão perdendo valores intrinsecamente humanos, com o respeito pelo semelhante, a solidariedade e a gratuidade, enquanto ajudam a valorizar cada vez mais a ganância e o individualismo” (PERUZZO, 1998, p.26).



Os movimentos de cidadania servem como forma de mudança para que o homem seja sujeito pleno.

Os movimentos populares “muito embora não apresentam como forças dominantes e dirigentes nesse momento histórico, estão aí construindo um novo tipo de poder e ajudando a democratizar a sociedade” (PERUZZO, 1998, p.56).

Fantin afirma que “educar para a cidadania implica favorecer a interação como território, desenvolver identidades múltiplas e complexas e promover um sentimento de pertencimento ao contexto local, nacional e global (2006, p.39).

A cidadania para Fantin objetiva favorecer

- 1) A aquisição de conhecimento: conhecer as leis, as instituições e seu funcionamento; conhecer o mundo e a realidade cultural, social e econômica em que vivemos;
- 2) A aquisição de competência social: saber desenvolver de modo consciente o próprio papel de cidadão; saber cooperar, construir e realizar projetos comuns; assumir responsabilidades e resolver conflitos; saber intervir em um debate público;
- 3) A aquisição de competência ética e relacional: a) saber ser solidário; b) estar aberto à diferença; c) ser capaz de hospitalidade. (2006, p.39).

E foi esta cidadania que buscamos alcançar nesta pesquisa participante.

ESCOLA ESTADUAL DO JARDIM INDEPENDÊNCIA

A escola está localizada no Jardim Independência, bairro de periferia da cidade de Sarandi - Pr. Pode-se observar nos bairros ao redor da escola problemas como violência, tráfico de drogas, e a falta de empregos formais e informais.

O Colégio Estadual do Jardim Independência atende aos moradores do Bairro Independência, onde está situada, e dos Bairros Nova Independência I e II, mais distantes e também do centro da cidade. São por volta de 1600 alunos, atendidos no período da manhã, tarde e noite, no ensino que vai do fundamental até o médio.

OFICINA DE CIDADANIA

A oficina de cidadania tinha o objetivo de despertar nos alunos uma visão mais crítica da realidade. Por esta razão, foram discutidos temas sobre a realidade da comunidade em que estão inseridos.



Neste encontro foi proposta uma brincadeira lúdica de jogo de dados e casas. Os alunos foram separados em dois grupos por sorteio. Formada as equipes, um dos participantes sorteava uma pergunta, em todas o tema envolvia cidadania. Se os alunos conseguissem responder corretamente, os dados eram jogados e eles avançavam o número de casas correspondentes. Se não soubessem responder, a chance era passada para o outro grupo. Para verificar qual das respostas era a correta, eles poderiam consultar a internet, o dicionário ou ainda o pesquisador. O objetivo principal não era saber qual o grupo ganhador, mas analisar o nível de conhecimento que os alunos tinham sobre cidadania.

Entre as perguntas estavam: O que é Estatuto da Criança e do Adolescente e para que serve? Ou então, um político me ofereceu uma cesta básica para votar nele na próxima eleição, devo aceitar e por quê? Deixar de pagar o IPTU da minha casa pode resultar em que prejuízos para a minha cidade? Essas foram algumas entre outras perguntas.

Desta forma, eles puderam fazer a discussão e comparar as leis com a realidade em que vivem, verificar se seus direitos eram respeitados, se cumpriam seus deveres e se podiam reivindicar melhorias na escola e no bairro onde moram. A brincadeira teve duas horas de duração, incluindo discussões e pesquisas.

OFICINA DE MÍDIA-EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Para começar a oficina, perguntamos aos alunos se eles sabiam o que era Mídia-educação e Comunicação Comunitária.

Nenhum deles soube dar a resposta. Desta forma, esclarecemos os termos.

Segundo Rivoltella (Apud FANTIN, 2006, p.51), Mídia-educação pode ser definida

Como prática social e disciplina curricular na formação de crianças, jovens e adultos trabalhando os conteúdos e as linguagens da alfabetização midiática. Capacitando os sujeitos a 'ler e escrever' criticamente com as mídias e discutindo temas como igualdade, direitos de acesso, participação e cidadania – temas do campo da mídia-educação.

O termo comunicação comunitária ou popular foi definida assim por Peruzzo (1998, p.123),

Num primeiro momento, ela foi identificada como aquela comunicação simples, de circulação limitada, produzida quase artesanalmente por grupos populares. Em seguida, passou-se a dizer que ela “não se refere ao tipo de instrumento utilizado, mas ao conteúdo das mensagens”, vendo-se como expressão dos interesses do “conteúdo das classes subalternas”, entendido este enquanto crítico-libertados.



Depois apareceram aqueles que sustentam que não são os meios técnicos em si que definem a comunicação popular, nem tampouco são os seus conteúdos, o alternativo estaria no processo de criação conjunta, diálogo, construção de uma realidade distinta na qual a pessoa seja o sujeito pleno.

Para compreender melhor os termos, assistiram ao filme “Uma onda no ar”.

A oficina pretendeu mostrar-lhes, na prática, como os meios de comunicação podem ser usados na escola como ferramenta de aprendizagem. O grupo percebeu que além dos filmes, as reportagens, os documentários, os programas de rádio e o conteúdo da Internet são formas de inserir a comunicação no campo da educação, auxiliando no ensino formal.

Com a exibição do filme “Uma Onda no Ar”, puderam perceber a finalidade de uma rádio comunitária e até mesmo, no caso deles, de uma rádio escola, propagada por alto-falantes que podem e devem servir para a comunicação e a integração de toda a comunidade, como canal para divulgar eventos, dar avisos, falar dos acontecimentos do bairro, dar notícias e também como meio na reivindicação dos direitos. Perceberam a importância da comunicação comunitária e como seu uso pode servir de suporte na busca da cidadania.

Os alto-falantes vêm sendo utilizados como “rádios do povo”, em várias partes do continente latino-americano, por associações e movimentos que, não podendo operar emissoras convencionais, em razão das limitações impostas pelo sistema de concessão de canais e pelas condições econômicas, se valem desse instrumento para transmitir programas e satisfazer, assim, algumas de suas necessidades de comunicação (PERUZZO, 1998, p.159).

OFICINA DE LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA

A necessidade de despertar a criticidade deles frente à mídia e a indústria cultural, justifica a oficina de leitura crítica da mídia.

Escolhido pelos alunos, preferiram as letras de músicas para a análise. Todas as músicas escolhidas foram do gênero Funk. Escutamos as músicas juntos. Com a ajuda da Internet, baixamos as letras para fazer a análise de conteúdo. A maioria deles tinha consciência do conteúdo das letras. Então, fizemos as análises das letras comparando com os valores ensinados pela escola e pela família.

A banalização do corpo, mensagens de desrespeito às pessoas, às tradições e no incentivo à transgressão de leis familiares e civis foram percebidas no conteúdo das letras.



Os alunos foram questionados se agiriam de acordo com as letras e se exibiriam dançando se seus pais e avós estivessem no mesmo ambiente. A resposta foi que não o fariam. Eles também constataram como os produtos da mídia influenciam os costumes e as relações do cotidiano, seja no tratamento com familiares, amigos e até mesmo nas gírias usadas no dia-a-dia.

OFICINA DE COMUNICAÇÃO

Para mostrar como a mídia produz os assuntos e os programas, foi proposta uma oficina com o intuito de ensiná-los a construir e desconstruir uma notícia, analisando a estrutura e o assunto, classificando-a como de interesse público, entretenimento ou merchandising. Foram usados jornais impressos locais. Os alunos leram as notícias e identificaram o lide (que, quem, quando, como, onde e porque), reescreveram as reportagens e sugeriam um foco principal e possíveis soluções dos problemas apresentados. Além de proporcionar uma leitura crítica das notícias, esta oficina também teve o objetivo de prepará-los tecnicamente para a produção de notícias para os programas de rádio.

Uma segunda fase da oficina foi a de trabalhar com assuntos relacionados diretamente ao rádio. Para isso, os alunos fizeram pesquisas na Internet sobre a invenção do rádio, o seu desenvolvimento no mundo e no Brasil, as diversas opções de programação e participação dos ouvintes e sobre exemplos de rádio-escola e comunitárias.

OFICINA DE RÁDIO

As oficinas de rádio basearam-se na preparação técnica dos alunos. Eles pesquisaram sobre os formatos e os gêneros radiofônicos. Também diferenciamos as funções de cada um dos alunos, como pauteiro, repórter, editor e locutor. Aprenderam a estruturar um programa de rádio e fazer os roteiros. Foi mostrado aos alunos a estrutura da rádio que eles têm disponível na escola e a definição de uso de cada equipamento (microfone, mesa de som, caixas de som, etc). As edições dos programas foram dirigidas por eles, mas a operação do programa de edição, por exigir um conhecimento mais específico, foi feita pelo pesquisador. Essa oficina possibilitou que os alunos perdessem o medo do uso das novas tecnologias, principalmente na desinibição em frente ao microfone.



O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O consenso entre os alunos é que os temas abordados fossem de interesse deles, dos professores, pais e funcionários.

O desenvolvimento do projeto aconteceu no período de contraturno. Os alunos estudavam no período da tarde, mas iam para a escola no período da manhã, quando aconteciam as oficinas. Os encontros eram semanais e duravam cerca de uma hora e meia.

Por imposição da escola, o projeto deveria ser acompanhado por um dos professores. Mas, esse professor não tinha domínio da técnica de radiojornalismo.

Houve algumas desistências durante o processo, devido às chuvas que impossibilitaram muitos alunos de saírem de suas casas, já que alguns bairros em que moram não têm asfalto e os ônibus não chegam nesses dias. Outro fator é que os alunos, convidados a participarem do projeto, não se sentiram interessados pelo tema.

CONCLUSÃO

Verificou-se que projetos como este, que envolvem compromisso, participação e responsabilidade, devem ser oferecidos aos alunos e que sejam voluntários. O projeto não tem o mesmo resultado se os alunos forem escolhidos por indisciplina, má desempenho escolar ou déficit de atenção. Algumas desistências durante o desenvolver do estudo podem ocorrer, pois os alunos não se identificam pelo tema.

As oficinas e produção de programas devem ser feitas fora do meio formal, com diferenciação das atividades, que não devem parecer com a aplicação da metodologia tradicional, trabalhada nos conteúdos programados.

O professor ou comunicador deve estar preparado, teórica e tecnologicamente, para a demanda de dúvida dos alunos e para a produção de qualidade dos programas.

A escola pode fazer parte do processo sugerindo, mas não impondo normas. O impor regras, aludi aos alunos a falta de liberdade e expressão.

Os programas produzidos abriram um espaço de expressão dos jovens, onde eles puderam abordar assuntos da realidade em que estão inseridos, usando a rádio-escola como canal.

A pesquisa possibilitou ainda verificar a necessidade de que os jovens tenham atividades que estimulem uma leitura crítica frente aos meios de comunicação de massa, e uma postura cidadã.



Os alunos participantes do projeto passaram a se envolver mais com assuntos referentes à comunidade e a escola do Jardim Independência.

As oficinas estimularam a frequência dos alunos que se identificaram com o tema.

O envolvimento em projetos que abordam a cidadania diminuiu os números de violência dentro da escola.



REFERÊNCIAS

ALVES, Patrícia Horta. **Gênese teórica e prática da educomunicação** Alianza NCE/USP – Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos 29/08 a 02/09/07.

CORTINA, Adela. **Ciudadanos del mundo**: havia uma teoria de la ciudadanía (Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania). São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1981.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais**. São Paulo: Loyola, 2003.

GOIDANICH, Maria Elisabeth. Mídia, cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos? In: BELLONI, Maria Luiza (org). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, coleção tendências, 2002.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: O Espírito do Tempo. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. São Paulo: vozes, 1998.

PERUZZO, Cícilia M.Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SUBTIL, Maria José; BELLONI, Maria Luiza. Dos audiovisuais à multimídia: análise histórica das diferentes dimensões de uso dos audiovisuais na escola. In: BELLONI, Maria Luiza (org). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, coleção tendências, 2002.

VIVARTA, Veet (org.). **Remoto Controle**: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. Série Mídia e Mobilização social. São Paulo: Cortez, 2004 .

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In: http://www.cesgranrio.org.br/publicacoes/ensaio/ensaio_50.html